



ESTUDOS ORIENTAIS

VI

HOMENAGEM AO PROFESSOR
ANTÓNIO AUGUSTO TAVARES



INSTITUTO ORIENTAL

PLACAS APOTROPAICAS DO CASTELO DE SILVES

por Rosa Varela Gomes^{*:}
e Mário Varela Gomes^{**:}

1. Introdução

Desde 1979 que conhecemos duas das peças agora dadas a conhecer. De facto, uma delas (PL.1) fazia parte da pequena colecção de materiais arqueológicos, romanos e medievais, exposta na Biblioteca Municipal de Silves, enquanto a outra (PL.2) se encontrava guardada em uma das torres do seu castelo. A placa referida em primeiro lugar, tida como proveniente da alcáçova, foi restaurada, sob a direcção de um de nós (M.V.G.), pelo escultor Carlos Soares e está, actualmente, em exposição no Museu Municipal de Arqueologia daquela cidade. Ali se conserva, em depósito, a segunda.

Um pequeno fragmento de uma terceira placa apotropaica (PL.3) foi exumado durante uma das campanhas de escavações arqueológicas, que um de nós tem vindo a dirigir (R.V.G.) no Castelo de Silves, mais precisamente na ocorrida em 1996, sendo procedente de estrato (C2) atribuído ao período almoadá.

As placas apotropaicas são elementos arquitectónicos pouco comuns no mundo islâmico peninsular, sendo, também, conhecidas por «placas profiláticas». Elas oferecem textos ou iconografia variada, onde se destacam alguns símbolos recorrentes, tidos como possuidores de propriedades capazes de afastarem o mal e, por isso, acreditava-se serem detentoras de características que lhes conferem as denominações indicadas. Estes testemunhos têm sido, sobretudo, encontrados em fortificações, de que cabe destacar o Castelo de Gormaz, onde se identificaram três, mas podem, igualmente,

* Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da U.N.L. Instituto Oriental da U.N.L.

** Academia Portuguesa da História. Instituto Oriental da U.N.L.

proteger portas, por vezes integradas no alfiz, fontanários e outras edificações públicas ou privadas. Recordemos, a título de exemplo, que na Porta da Justiça do Alhambra (Granada) está esculpida uma mão, na pedra de fecho do arco, possivelmente para protecção divina daquele recinto fortificado (Grabar, 1985, 50).

2. Descrição

Placa 1 – Fragmento de elemento monolítico, talhado em arenito vermelho ou «grés de Silves», com forma paralelepípedica. Media, primitivamente, 0.83m de comprimento por 0.25m de altura e 0.10m de espessura máxima (fig. 1).

A porção original continha a totalidade do volume correspondente ao terço esquerdo assim como grande parte do volume central, tendo o do terço direito sido restaurado. As dimensões do fragmento existente, assim como a sua decoração, permitiram a compreensão da sua forma e ornamentação primitivas, tal como a sua ulterior restituição, através de restauro, executada em pedra semelhante. Para tal contribuiu a existência de sector de uma composição simétrica, centrada pela figura de um arco ultrapassado, de que se conservava parte. Por outro lado, o elemento decorativo que contornava a placa deveria de continuar na zona em falta, mas não existindo na parte inferior da mesma, que corresponde à área centrada pelo arco referido. Também se verificou que o comprimento total da placa em apreço, depois de reconstituída, é muito aproximado ao da segunda placa objecto do presente estudo.

A peça que temos vindo a referir mostra dois elementos temáticos. No lado esquerdo, ocupando cerca de um terço do seu comprimento total, oferece uma superfície quadrangular, com 0.28m de lado, contornada por moldura em forma de corda, medindo 0.025m de largura média. Ao centro observa-se, em falso relevo, dado que a figura apresenta, apenas, os contornos rebaixados, um círculo, com 0.12m de diâmetro. No limite deste reconhece-se decoração em forma de corda, contendo o interior motivo fitomórfico, inciso, representado com cinco pétalas, dispostas a partir do seu ponto central. Um daqueles elementos, o localizado na parte superior do círculo, encontra-se disposto na vertical.

Ocupando o terço central e direito da placa reconhece-se um espaço rectangular, com 0.48m de comprimento, por sua vez subdividido, em três zonas verticais, tendo, aproximadamente, as mesmas dimensões. As

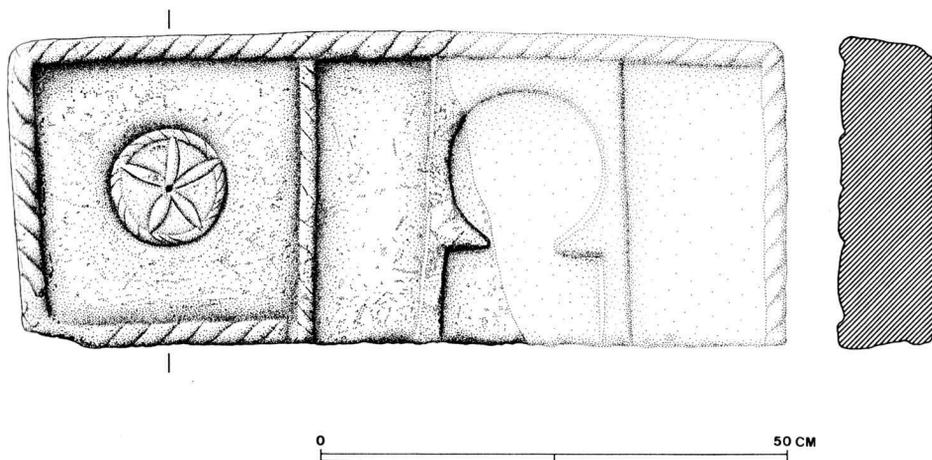


Fig. 1 – Placa apotropaica (PL. 1). Castelo de Silves (Des. C. Gaspar)

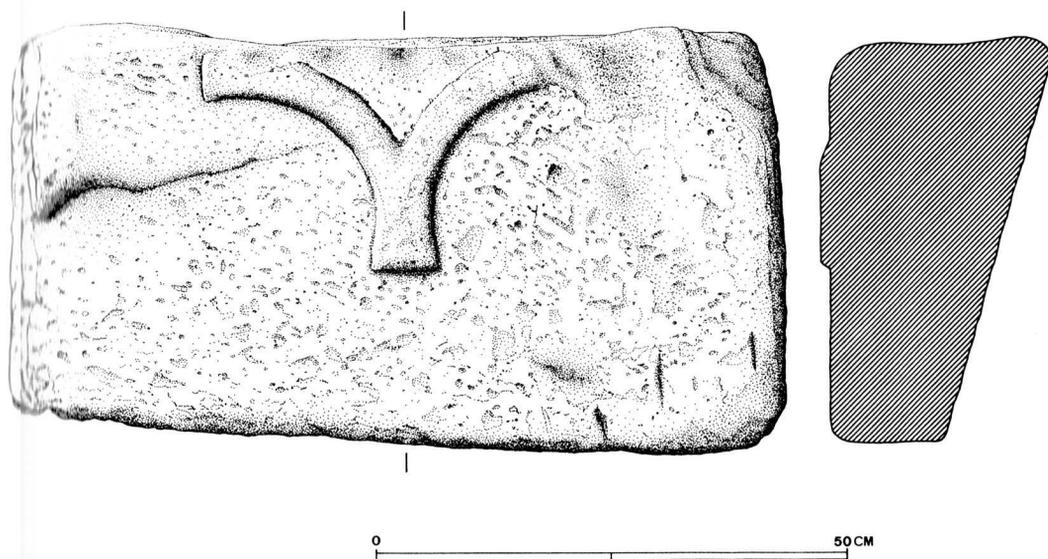


Fig. 2 – Placa apotropaica (PL. 2). Castelo de Silves (Des. C. Gaspar)

duas zonas laterais foram rebaixadas e não mostram iconografia, enquanto a central contém a representação de um arco ultrapassado, esculpido, com 0.26m de altura e 0.17m de largura. Somente a base desta zona da placa não apresenta a moldura, em forma de corda, que observamos nos restantes contornos.

Placa 2 – Elemento monolítico, talhado em arenito vermelho, actualmente com forma sub-paralelepipedica. Mede 0.83m de comprimento máximo, 0.45m de altura e tem 0.25m de espessura máxima (fig. 2).

Mostra, ao centro e junto ao bordo superior, um elemento em relevo, de difícil identificação, sugerindo tratar-se de dois meios arcos, algo ultrapassados e geminados na base. A extremidade do meio arco do lado direito desapareceu devido a fractura. Este elemento media 0.44m de comprimento e 0.24m de altura total. A sua espessura é de 0.01m.

Placa 3 – Fragmento, talhado em arenito vermelho, com forma sub-paralelepipedica. Trata-se de pequena porção de uma placa cuja forma primitiva e dimensões não nos é possível determinar. Mede 0.09m de largura, 0.14m de altura e 0.024m de espessura média (fig. 3).

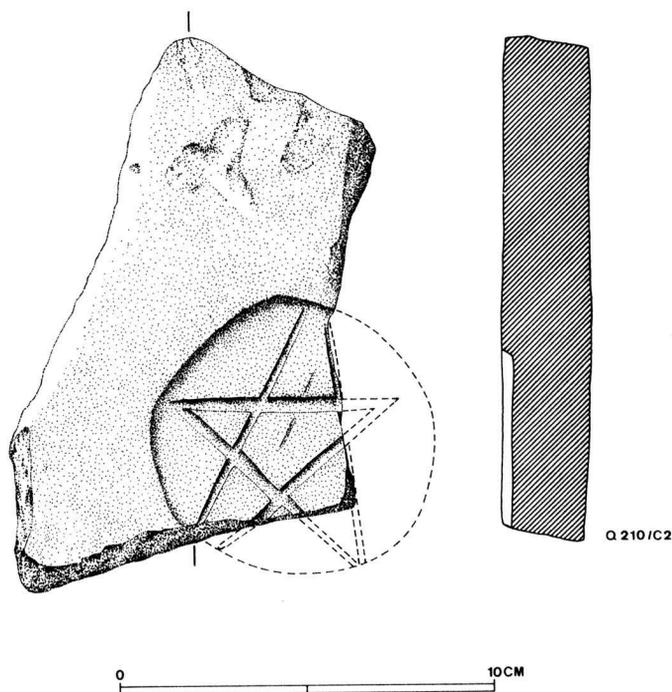


Fig. 3 – Fragmento de placa apotropaica (PL. 3).
Castelo de Silves (Q210/C2) Des. A. Machado

Apresenta parte de um círculo rebaixado em cujo interior foi gravada, por abrasão, uma estrela de cinco pontas, de que se conservam dois braços completos e dois incompletos. O círculo mede 0.075m de diâmetro e a sua profundidade máxima é de 0.003m.

Este fragmento foi exumado na camada 2 do quadrado 210, correspondendo ao interior de um compartimento de casa almoada, adossada ao lado nascente do interior do pano de muralha do Castelo de Silves. A camada 2 mostrou nível de derrubes da construção mencionada, sobre os pavimentos da mesma, subsquente à conquista cristã daquela alcáçova em 1242.

3. Paralelos e integração cultural

Conforme anteriormente mencionámos, o sector ocidental da muralha da fortificação califal de Gormaz (Sória), sobre a margem esquerda do rio Douro, exhibe três placas apotropaicas (fig. 4). Uma delas, a central, é uma estela funerária hispano-romana a que a presença de motivo hexapétalo, rodeado por pequenas rosáceas e integrado em um círculo, conduziu a ter sido reutilizada com a função referida.

A cada um dos lados daquele monólito observa-se uma placa, mostrando a situada no lado direito cartela quadrangular que integra um círculo e este contém uma estrela de seis pontas. No espaço entre o círculo e os limites do quadrado reconhecem-se quatro motivos fitomórficos. No lado oposto, a terceira placa, encontra-se, subdividida em três zonas verticais. A primeira é anicónica, a segunda apresenta laçarias que definem figura poligonal e a terceira mostra, ao centro, um pequeno rectângulo, tendo acima deste um círculo com estrela de seis pontas no interior e, abaixo, outro círculo preenchido por flor hexapétala (Valdés, 1977, 1978-79; Zozaya, 1988).

Tanto a técnica de talhe em bisel, como a temática decorativa daquelas duas últimas peças têm vindo a ser atribuídas ao período califal, o que concorda com a época da reformulação da fortaleza de Gormaz, efectuada no reinado de al-Hakam II e, portanto, da segunda metade do século X (ca 965) (Valdés, 1978-79, 183).

As placas apotropaicas de Gormaz, encontram-se *in situ* e orientadas para poente, pelo que foram interpretadas, pelos autores antes citados, como capazes de afastarem os génios malignos da noite, dado conterem símbolos relacionados com a vida eterna, de carácter solar e contrários à escuridão própria do mundo dos mortos.



Fig. 4 – Placas apotropaicas do Castelo de Gormaz (Soria) (seg. F. Valdés, 1977, est. 2)

Apesar de nas placas de Silves não se reconhecer nenhum motivo idêntico aos existentes nas de Gormaz, não deixaremos de evidenciar algumas similitudes.

A primeira daquelas respeita à forma rectangular dos dois grupos de monólitos e à sua colocação horizontal, salvo a central de Gormaz que, conforme observámos, trata-se de uma reutilização. Apesar das duas placas melhor conservadas de Silves não terem sido encontradas *in situ*, a posição dos seus motivos decorativos conduz a que consideremos terem tido igual disposição, nomeadamente pelo facto de ambas mostrarem arcos, em uma delas bem evidente.

Os arcos simbolizam a passagem entre dois mundos, entre a luz e as trevas do mundo profano. Por eles partem as influências funestas e são acolhidas as boas. Eles podem indicar a porta do Céu. Julgamos constituir importante pervivência deste aspecto o arco ultrapassado, claramente islâmico, gravado no lintel de uma porta de Monsaraz (fig. 5).

Tal como em Gormaz, também nos surgem em Silves os motivos estreliformes, integrados em círculos, um de tipo fitomórfico, mas com cinco pontas e um claro pentalfa. Trata-se de símbolos que carregam a ideia

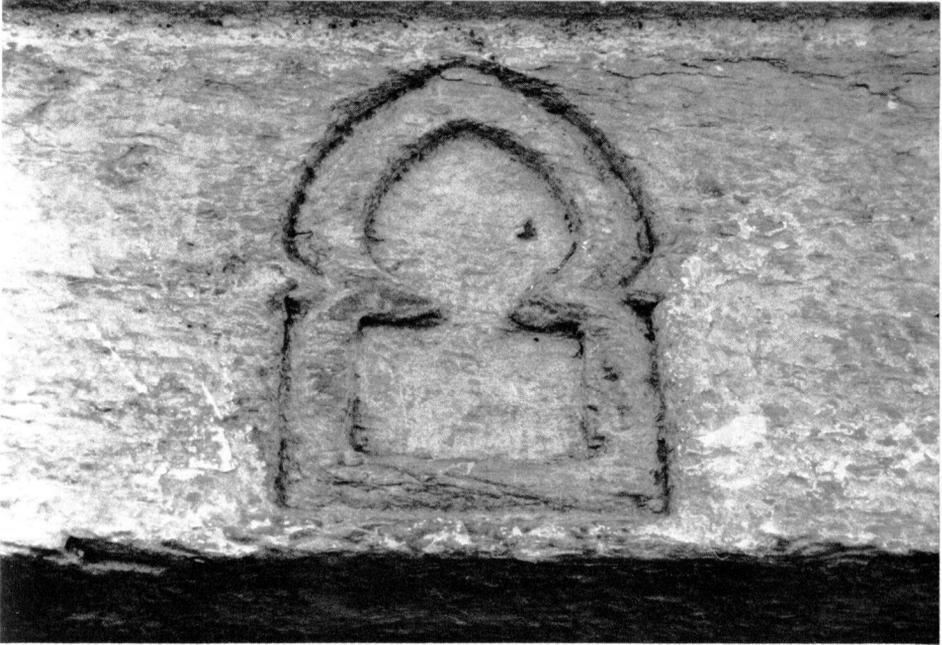


Fig. 5 – Lintel de porta com representação de arco ultrapassado.
Reguengos de Monsaraz (foto R. Cunha)

de perfeição, conotada com a organização do Cosmos e, portanto, contrária ao Caos, contendo o poder de esconjurar o mal nele gerado. As suas propriedades serão ainda mais poderosas que as dos hexagramas ou «selos de Salomão» observados nas placas de Gormaz.

Os temas estelares, com cinco ou sete pontas, encontram-se patentes na ornamentação cerâmica, onde podem ter assumido significado mágico semelhante ao conferido quando encontrados nas placas. Uma taça exumada na camada 8 (omíada) do Castelo de Silves mostra, no interior do fundo, estreliforme com sete braços e outra, proveniente da área urbana daquela cidade e com cronologia dos séculos VIII-IX (SILV.1-Q38/C1), oferece os restos de figuração semelhante, mas tendo apenas cinco raios (fig. 6).

A profusão de círculos, patentes nas placas das duas fortificações que temos vindo a mencionar, devem-se aos seus importantes significados, consubstanciando conceitos como a perfeição, a unidade, a imutabilidade e o absoluto. Eles também simbolizam o Céu e a grandiosidade divina. Recordemos que o cubo negro da Ka'ba de Meca se ergue sobre um espaço circular branco.

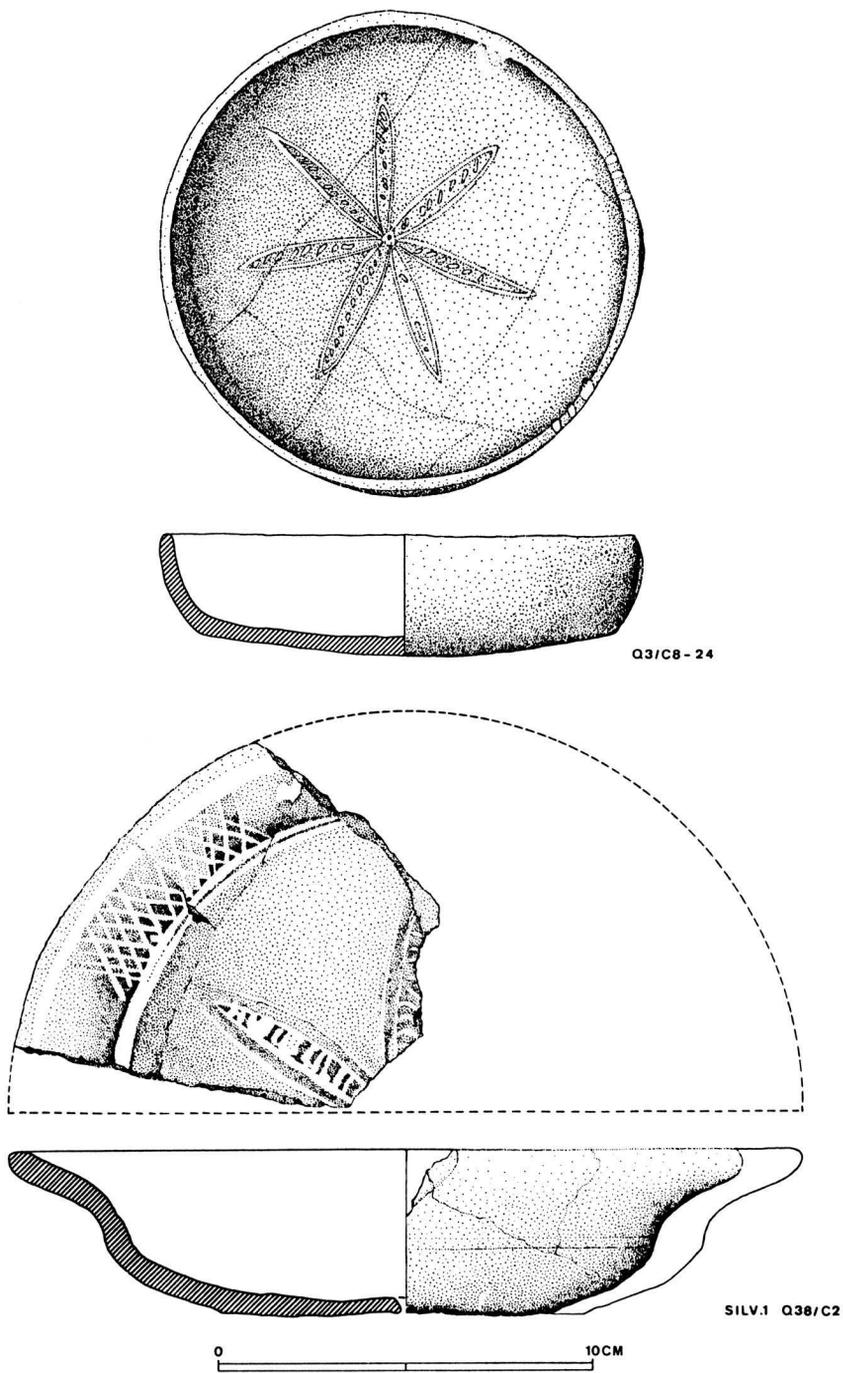


Fig. 6 - Taças. Castelo de Silves (escav. de R.V.G.) e área urbana de Silves (SILV.1 - Q38/C1)

No mundo islâmico as estrelas e rosáceas, integradas em círculos, tinham carácter especificamente profiláctico contra o mau olhado (Chevalier e Gheerbrant, 1973, 306, 307).

Por fim, a corda que exhibe a placa 1 de Silves é outro símbolo protector que surge no Corão com significado ascencional, pela qual se pode atingir o Céu.

O motivo em corda, que emoldura uma das placas apotropaicas de Silves, constitui elemento simbólico-decorativo que observamos, sobretudo, em produções do Período Califal, conforme demonstram os braseiros de pedra, do Museu Hispano-Muçulmano de Granada e de Montefrío (Puertas, 1972), algumas caixas de marfim (Dodds, 1992, 202; Higuera, 1994, 37) de finais do século X, ou os frascos para perfume de bronze ou prata, datados naquela mesma centúria, de La Mora Lucena e Olivos Borrachos (Córdova) (Dodds, 1992, 213).

Também um pequeno fragmento de inscrição, em arenito vermelho, encontrado na vertente do lado nascente do Castelo de Silves, mostra moldura em corda muito semelhante à da placa apotropaica descrita em primeiro lugar. A caligrafia utilizada foi o cúfico.

Apesar de destituídas de contexto arqueológico, as duas placas maiores do Castelo de Silves podem ter integrado as suas muralhas ou sido colocadas sobre alguma das portas. A sua atribuição cronológica é, no estado actual dos nossos conhecimentos, difícil de efectuar, embora possamos argumentar que serão anteriores à ocupação almoadada da alcáçova.

De facto, naquele período, sobretudo após a conquista cristã de Silves em 3 de Setembro de 1189, os almoadas quando se reassenhorearam da cidade procederam a profunda reestruturação dos seus dispositivos defensivos, designadamente das muralhas e torres do castelo, pelo que as placas poderão ter então sido arreadas. Daí até aos nossos dias as muralhas não sofreram alterações estruturais e apenas foram restauradas nos anos quarenta do presente século, não constando no relatório daqueles trabalhos qualquer referência às placas agora dadas a conhecer.

O fragmento procedente do estrato almoadado (C2) do quadrado 210, correspondendo a um espaço habitacional, devido às suas reduzidas dimensões, indica que a placa a que pertenceu terá sido amputada da simbologia que ostentava ou, mesmo, destruída, e os seus fragmentos reutilizados em construção ulterior.

Esta hipótese é sugerida pelo facto de não se terem encontrado outras porções daquele monólito, o que também conduz a pensarmos tratar-se de elemento arquitectónico há muito fora de uso.

Podemos concluir que as placas apotropaicas de Silves, todas elas procedentes da sua alcáçova, devem, a partir dos paralelos com peças congêneres, do seu contexto iconográfico e das soluções técnicas observadas, ser datadas em torno ao século X. Elas testemunham aspectos do mundo mágico-religioso do islamismo peninsular ainda pouco conhecidos, mas de que alguns aspectos simbólicos, sobretudo ligados a certos números e a determinadas formas, parecem ter pervivido até aos nossos dias.

BIBLIOGRAFIA

- CHEVALIER, J., e GHEERBRANT, A., 1973, *Dictionnaire des Symboles*, vol. 1, 371 pp., Éditions Seghers, Paris.
- DODDS, J. D., 1992, *Al-Andalus. The Art of Islamic Spain*, The Metropolitan Museum of Art, 432 pp., New York.
- GRABAR, O., 1985, La arquitectura del poder: Palacios, alcazabas y fortificaciones, *La Arquitectura del Mundo Islamico*, pp. 48-79, Alianza Editorial, Madrid.
- HIGUERA, T.P., 1994, *Objetos e Imagenes de Al-Andalus*, Agencia Española de Cooperacion Internacional, 189 pp., Madrid.
- PUERTAS, A.F., 1972, Braseros hispanomusulmanes, *Cuadernos de la Alhambra*, vol. 8, pp. 77-86.
- VALDÉS, F., 1977, Relieves musulmanes de caracter profilactico en la fortaleza de Gormaz (Soria), *Actas del XIV Congreso Nacional de Arqueologia*, pp. 1275-1278, 2 ets, Zaragoza.
- VALDÉS, F., 1978-79, Precisiones cronologicas sobre los relieves profilacticos de la fortaleza de Gormaz (Soria), *Cuadernos de Prehistoria y Arqueologia*, vols 5-6, pp. 177-185, 2 ests.
- ZOZAYA, J., 1988, Evolución de un yacimiento: El castillo de Gormaz (Soria), *Castrum*, n.º 3, pp. 173-178.